Dia 29 — São Maximino, Bispo de Tréveris

São Maximino, um dos mais insignes ornamentos da igreja galicana, celebérrimo no século quarto de nossa era por seu zelo apostólico em defesa da fé católica contra os hereges arianos e pela multidão de milagres que por sua intercessão obrou o Onipotente, nasceu no território de Poitiers, na Aquitânia. Foi educado desde sua infância na religião de Jesus Cristo, com um de seus irmãos chamado Majêncio, que se crê haver sido bispo daquela cidade antes de Santo Hilário. A fama de santidade com que corria então Santo Agrício, bispo de Tréveris, fez Maximino deixar sua pátria e ir em busca daquele prelado, com o fim de adiantar-se em ciência e santidade sob seu ensino. Com efeito, fez em ambos os ramos maravilhosos progressos; e, elevado às ordens sagradas, comportou-se em suas funções com tanta edificação, com tanta sabedoria e com tanta prudência que, conciliando-se a veneração de todo o clero e povo, não quiseram estes outro prelado quando ocorreu a morte de Santo Agrício, indicado já assim pelo céu a várias pessoas de conhecida virtude. Confirmados estes sufrágios pelos bispos comprovinciais, que conheciam muito bem as relevantes prendas de Maximino, subiu à cátedra de Tréveris por volta do ano de 332, que era o 26º do império de Constantino.

Fácil é pensar qual foi o porte deste varão apostólico, colocado sobre o candeeiro da igreja, quando já seu nome era célebre no país pela pureza de sua fé, pela santidade de seus costumes e até pelos muitos milagres que nos asseguram seus historiadores haver obrado na sucessão de sua vida antecedente. Ainda que a vigilância pastoral com que atendeu sempre a sua grei e o paternal amor com que a proveu de auxílios espirituais e corporais bastavam para eternizar seu nome, o que distinguiu sobretudo seu mérito foi o zelo e fortaleza apostólica que mostrou na defesa da fé católica contra os arianos, sem temor das potestades da terra.

Abusando estes hereges das boas intenções do grande Constantino, não cessavam de perturbar a igreja do Oriente, para refazer-se da derrota que havia padecido sua impiedade no concílio geral de Niceia, discorrendo cada dia maliciosos arbítrios para vingar-se daqueles padres. Seu maior encono era contra Santo Atanásio, bispo de Alexandria, a quem olhavam como o inimigo mais temível de sua seita. Suas simulações e calúnias lograram surpreender Constantino, o qual, vendo que havia sido condenado Santo Atanásio num conciliábulo que celebrou a facção ariana em Tiro, sem examinar a causa da injustiça, desterrou àquele eminentíssimo prelado às Gálias e lhe assinalou por lugar de sua estada a cidade de Tréveris.

A dor de ver padecer a religião pela injustiça feita à pessoa de Santo Atanásio era comum em todos os bispos da igreja católica; mas o que teve de particular em Maximino foi que, sem temor de um príncipe como Constantino nem reparar num homem desgraçado, o recebeu com toda a veneração que devia a um ilustre confessor de Jesus Cristo e ao defensor mais brilhante da

verdade ortodoxa, proporcionando-lhe todas as comodidades que podia ter em Alexandria.

Depois da morte do grande Constantino, seu filho mais velho, Constantino, o Moço, em cumprimento da vontade de seu pai, além de revogar o desterro de Santo Atanásio, fê-lo voltar a sua igreja com cartas cheias de muitos testemunhos de honra; e, agradecido este prelado aos bons ofícios do de Tréveris, significou depois aos bispos que sustentavam ardentemente a definição do concílio niceno a pureza de fé, a santidade de vida e o apostólico zelo pela defesa da fé católica de Maximino, cujas virtudes havia tido ocasião de conhecer bem nos dois anos, quatro meses e meio que esteve em sua companhia. Estes mesmos ofícios praticou também São Maximino com São Paulo, bispo de Constantinopla, que se refugiou em Tréveris, deposto de sua sé por um conciliábulo de arianos, não o acovardando o poder de Constâncio, filho segundo de Constantino, acérrimo defensor dos partidários da heresia.

Valendo-se os arianos da proteção do imperador Constâncio, num conciliábulo que celebraram em Antioquia depuseram pela segunda vez a Santo Atanásio, que se viu obrigado a fugir ao aviso de que ia ocupar sua cátedra o intruso Gregório com muita tropa. Sabendo os hereges que o santo prelado se havia retirado ao Ocidente, onde o imperador Constante o mantinha sob sua proteção, não menos que o papa Júlio, discorreram os meios de trazer a sua facção este príncipe, como o haviam conseguido com Constâncio, seu irmão. Com esta mira dirigiram-lhe uma confissão de fé que ocultava destra e sutilmente seu veneno, pois, sob palavras capciosas e aparentemente verdadeiras, em seu fundo excluía a consubstancialidade do Verbo, que era o ponto cardeal da controvérsia. Para este efeito enviaram às Gálias Narciso de Neroníade, Maris de Calcedônia, Teodoro de Heracleia e Marcos de Aretusa, bispos de sua facção, os quais além disso traziam a comissão de justificar a conduta que haviam guardado os arianos na deposição de Santo Atanásio. Mas São Maximino impediu que Constante fosse surpreendido dos inimigos da verdade. Fez o que poderia ter feito Santo Atanásio, que então se achava em Roma; sustentou sua inocência, provou sua fé ortodoxa e o defendeu das falsas calúnias dos deputados arianos, cuja comunhão recusou com a de outros seus sequazes. Por este louvável fato puseram-no os hereges no número de seus principais adversários e se queixaram por todas as partes de que o bispo de Tréveris havia sido a causa de que o imperador Constante não houvesse atendido a seus emissários. Com efeito, este justificado príncipe, tendo reconhecido, em virtude das razões de São Maximino, as injustiças, os ardis e as maquinações dos sectários, despediu seus deputados sem que adiantassem coisa alguma em suas negociações.

Achou-se depois São Maximino no concílio que se celebrou em Milão por volta dos anos 345, onde os eusebianos, isto é, os arianos orientais, que tomaram esta denominação de seu cabeça Eusébio de Nicomédia, foram igualmente repulsados. Nesta cidade teve o gozo de voltar a ver Santo Atanásio, a quem o imperador fez vir desde Roma; e, conferenciando ambos sobre os meios de procurar uma paz sólida à Igreja, creram que não o havia mais eficaz que o de um concílio geral. Propôs Maximino com sua acostumada persuasiva a importância deste remédio a Constante; uniram-se a ele, para fazer mais interessada a solicitude, o papa Júlio e o célebre Ósio de Córdoba; e, acedendo a seus rogos o imperador, escreveu a seu irmão Constâncio em termos muito urgentes. Não desechou Constâncio a proposição tão favorável à tranquilidade da Igreja; convencionou-se em que o lugar onde se havia de celebrar o concílio fosse a cidade de Sárdica, na Ilíria, nos confins de ambos os impérios; mas, como este soberano estava ocupado então na guerra

contra os persas, não se pôde executar o desígnio até dois anos depois.

Neste intervalo convocou São Maximino um sínodo em Colônia para examinar a doutrina suspeita de seu bispo, que, seguindo a de Fotino, negava a divindade de Jesus Cristo. O concílio o depôs, e São Maximino procurou que se explicasse o modo com que se obraram todos os mistérios da redenção.

Não deixou de achar-se no ano seguinte no concílio de Sárdica, onde foi de novo restabelecido em sua sé Santo Atanásio e depostos os principais eusebianos. Mal satisfeitos estes de ver que suas intrigas não haviam podido prevalecer, retiraram-se de Sárdica; e, tendo-se unido em Filipópolis de Trácia, terreno de Constâncio, seu protetor, escreveram sob o nome de orientais uma carta circular aos bispos de seu partido para que se queixassem do concílio e acusassem os que nele haviam sido absolvidos. Achando-se nesta cidade em número quase de oitenta, tiveram um conciliábulo, que fizeram chamar de Sárdica, com o fim de abolir sob este equívoco a memória e decisões do verdadeiro concílio. Formaram em sua maliciosa assembleia uma confissão de fé, onde parece não poder-se achar outra coisa que repreender senão a omissão da voz consubstancial; julgaram os principais bispos católicos que haviam procurado o legítimo concílio de Sárdica, defendido e restituído a Santo Atanásio e absolvido Marcelo de Ancira e Asclepas de Gaza; e tiveram o temerário arrojo de excomungar assinaladamente a São Maximino, com o papa Júlio, Ósio, Santo Atanásio e os principais prelados católicos. Alegaram contra o de Tréveris haver sido ele a causa de que o imperador Constante não recebesse os deputados do concílio de Antioquia e que foi o primeiro que comunicou com São Paulo de Constantinopla, deposto por eles, sendo seu restabelecimento o motivo das turbulências e homicídios que a ele se seguiram. Estas razões, que a ímpia caterva dos hereges queria fazer delitos de nosso santo, são outros tantos elogios que justificam mais seu mérito e que servem de louváveis testemunhos, capazes de eternizar sua glória, pois todos eles fazem conceber uma justa ideia de seu zelo apostólico pela defesa da fé católica e de sua generosa proteção aos confessores ilustres da divindade de Jesus Cristo [^1].

Não sobreviveu muito tempo o santo ao concílio de Sárdica. Voltou a ver sua igreja e remediou as necessidades de seu povo, que se haviam feito reparáveis durante sua mansão na Ilíria. Passou depois a visitar seus parentes em Poitiers e, tendo-se detido algum tempo por causa de certos negócios graves que pediam sua assistência pessoal, morreu ali no dia 12 de setembro do ano 319 [^2], e seu venerável corpo foi sepultado perto da cidade. Não podendo sofrer São Paulino, seu sucessor, que ficasse privada a igreja de Tréveris de suas santas relíquias, fez que as restituíssem a ela, dignando-se o Senhor obrar inumeráveis prodígios ao tempo desta trasladação, como foi, entre outros, o de levantar uma espantosa nuvem para impedir que os da Aquitânia estorvassem, como o solicitavam, a mudança do venerável corpo. Depositou-se este em Tréveris na igreja do mosteiro de São João Batista, onde se manteve em grande veneração, fazendo-se recomendável seu sepulcro pelos muitos milagres que cada dia obrava o Senhor pela intercessão de seu servo.

O terror dos normandos, que passavam a sangue e fogo os templos, mosteiros e igrejas, surpreendeu Tréveris em 5 de abril do ano 882; e, temerosos alguns religiosos de que as relíquias de São Maximino caíssem em suas bárbaras mãos, tiveram a precaução de enterrá-las numa cova. Com este motivo se perdeu a notícia de sua existência até que, pela casualidade de haver-se aberto parte do sepulcro com o golpe de uma grande pedra, foram descobertas pela fragrância que

despediam e viu-se, com admiração de todos, íntegro seu corpo e intactos seus vestidos, depois de tantos anos. Colocaram-se em lugar decoroso até a reedificação do templo, onde se mantiveram em grande veneração; mas, tendo-se queimado este por um acidente imprevisto no ano de 937, restaurado novamente no de 942, foram trasladadas a ele solenemente as relíquias do santo, com as de outros prelados da mesma igreja, tendo sido colocadas no altar-mor; e se estendeu o nome e culto de nosso santo por todas as partes na França, Alemanha e Países Baixos, onde se celebra sua memória em 29 de maio, dia de sua primeira trasladação de Poitiers a Tréveris.

A Comemoração dos Fiéis Defuntos

A Igreja católica considerou sempre duas coisas no pecado: a culpa, que consiste na ofensa que se faz à divina Majestade, e a pena que merece esta culpa. Só Deus pelos méritos de seu Filho pode perdoar os pecados; mas, ainda que sua infinita misericórdia os perdoe inteiramente quanto à culpa, nem sempre os perdoa igualmente quanto à pena. Esta pede sempre alguma satisfação; de maneira que o pecador, depois de haver conseguido da misericórdia do Senhor o perdão de seus pecados, fica ainda devedor a sua divina justiça [^3]. A pena correspondente a seus pecados é uma dívida que é preciso pagar; é uma mancha da qual é necessário purificar-se nesta vida ou na outra, antes de entrar na mansão dos bem-aventurados, onde não se dá lugar à mais ligeira mancha. É certo que muitos morrem em estado de graça, isto é, sem culpa mortal; mas não é menos certo que a raríssimos deixa de colher aquele último momento sem algum pecado venial ou sem uma multidão de dívidas penais contraídas pelas culpas antecedentes, as quais irremissivelmente é necessário satisfazer. Em virtude deste princípio, que é de fé, além do lugar destinado para o suplício dos réprobos e além do que o Salvador reservou para os eleitos e amados de seu Pai, a Igreja de Jesus Cristo creu e ensinou sempre que há outro terceiro lugar, ao qual dá o nome de purgatório, no qual os mesmos eleitos de Deus acabam de purificar-se das manchas que contraíram nesta vida e de satisfazer à divina justiça por um castigo temporal e transitório, mas que Deus exige com todo o rigor, como o diz o mesmo Jesus Cristo por aquelas palavras metafóricas do Evangelho: *Em verdade vos digo que não saireis dali sem que me tenhais pago até o último ceitil.* Pela mesma razão, a Igreja católica teve sempre por santa e salutar a oração pelos defuntos, como tradição que ensinaram os apóstolos e que, antes deles, os profetas iluminados por Deus haviam ensinado aos judeus.

Estes sempre reconheceram o purgatório, ainda que não com este nome; isto é, que reconhecem um lugar em que as almas dos fiéis acabam de ser purificadas; e há até entre eles uma lei que impõe aos filhos a obrigação de rezar por espaço de um ano inteiro certa oração que chamam Kadish pelas almas de seus defuntos pais, para tirá-las deste lugar de padecimentos; como se pode ver no livro de seus ritos. Este lugar, na opinião dos judeus, é o mesmo inferno dos condenados, no qual são atormentadas todas as almas que morrem com algum pecado, só com a diferença de que as que não morreram com culpa mortal saem dali depois de algum tempo pelas orações dos fiéis.

Bem sabido é que Judas Macabeu [^4], tendo recolhido numa coleta que fez publicar doze mil dracmas de prata, que são 18.340 reais de nossa moeda, as enviou a Jerusalém para que se oferecesse um sacrifício pelas almas dos que acabavam de morrer naquela batalha, e acrescenta o historiador: «Que aquele grande capitão considerava estar reservada uma grande misericórdia aos que haviam morrido com piedade; e assim é santo e salutar pensamento fazer oração pelos defuntos, para que sejam livres de suas culpas.»

Os protestantes não querem crer que há purgatório, cegamente persuadidos de que, por desordenada que tenha sido a vida, basta a fé para que a alma na hora da morte se ache inteiramente limpa e sem dívida alguma contraída em favor da divina justiça. E, como este segundo livro dos Macabeus é tão concludente contra seu erro, tomam o atalho e não o reconhecem por canônico. Mas com que autoridade rejeitam um livro não só universalmente recebido por toda a igreja grega e latina, mas em certa maneira autorizado pelo mesmo Jesus Cristo; pois consta que guardava exatamente a festa da dedicação do templo, instituída por Judas Macabeu, a qual se celebrava no mês de Casleu, correspondente a nosso mês de dezembro, que é o que certificou o evangelista São João [^5] quando notou que era no inverno?

São Paulo, na segunda epístola aos Coríntios [^6], querendo confundir certos falsos doutores daquela igreja que negavam a ressurreição dos mortos porque professavam a seita dos saduceus, diz assim: *Que será dos que recebem um batismo pelos mortos? Se os mortos não ressuscitam, de que lhes servirá tal batismo?* É duvidoso o que quer significar aqui o Apóstolo pela palavra batismo. Mas, ora entenda algumas boas obras, mortificações e penitências que se faziam pelos defuntos; ora entenda o abuso que desaprovava, ainda que ao mesmo tempo se valia dele para convencer os hereges, daqueles que se faziam batizar por seus defuntos amigos e parentes que, tendo desejado receber o batismo, haviam morrido sem tê-lo recebido, crendo erradamente que uma vez que o recebessem, ainda que fosse, digamo-lo assim, por procurador, se faziam capazes das orações dos fiéis; de qualquer maneira que se entendam estas palavras do Apóstolo, é evidente que em seu tempo estavam persuadidos os fiéis de que os defuntos podiam necessitar das orações dos vivos e que era obra de misericórdia oferecer a Deus algumas boas obras e fazer oração por eles.

O mesmo apóstolo, na segunda epístola a Timóteo, falando das muitas esmolas que lhe havia feito Onesíforo, que acabava de morrer, diz: *Queira o Senhor que sua alma tenha achado também misericórdia a seus divinos olhos;* o que prova evidentemente o costume e a piedade de rogar a Deus pelos defuntos.

Todos os padres da Igreja tiveram a mesma devoção. No segundo livro dos Macabeus, diz Santo Agostinho [^7], lemos que se ofereceu a Deus um sacrifício pelos defuntos; mas, ainda que não tivéssemos testemunho algum disto na sagrada Escritura, deveria bastar-nos a autoridade da Igreja universal e seu célebre costume neste ponto; pois nas orações que o sacerdote oferece ao Senhor no sacrifício da missa se faz comemoração dos defuntos.

O mesmo Santo Agostinho, no terceiro tomo sobre as palavras do Apóstolo, falando da oração pelos mortos, diz desta maneira: É costume observado em toda a Igreja, segundo tradição dos padres, rogar a Deus pelos que morrem na comunhão do corpo e sangue de Jesus Cristo, naquela

parte do sacrifício em que se faz comemoração deles, advertindo que também por eles se oferece.

A oração que temos do mesmo santo pelo descanso da alma de sua mãe é outra prova do costume da Igreja e do que praticaram todos os santos. No livro 13, cap. 9, das *Confissões*, falando com Deus, explica-se desta maneira: «Ainda que tenho motivo, Senhor, para alegrar-me em vós e para render-vos mil graças pelo muito bom que fez em vida minha mãe, agora deixo tudo isso à parte para pedir-vos que lhe perdoeis seus pecados. Ouvi-me, suplico-vos, pelos méritos daquele que por nós quis ser encravado numa cruz; por aquele divino Salvador cujo sangue cura as chagas de nossas almas e, sentado agora à vossa destra, continuamente está rogando por nós. Eu sei que se exercitou em obras de misericórdia e que perdoou aos que a haviam ofendido; perdoai-lhe, Senhor, rogo-vos, e não a julgueis com rigor. Sobressaia com ela vossa misericórdia a vossa justiça; porque ao morrer não nos deixou encomendada outra coisa senão que nos lembrássemos dela no sacrifício do altar quando celebrássemos os sagrados mistérios, a que assistiu com tanta devoção toda a sua vida; onde sabia bem que se oferecia aquela incruenta vítima, cujo sangue apagou a cédula de morte que tínheis contra nós. Lembrai-vos, Senhor, de que aquela por quem vos peço teve sempre unida sua alma com os laços da fé a este adorável mistério de nossa redenção.»

Tertuliano, que vivia no segundo século, não prova com menor evidência que Santo Agostinho o costume universal da Igreja sobre a utilidade e o mérito da oração pelos fiéis defuntos; e com igual energia falam sobre este ponto São Cipriano e São João Crisóstomo. Enfim, não há coisa mais constante que a tradição dos padres da Igreja sobre este ponto.

A disputa que a igreja grega tem com a latina neste particular, falando a rigor, é de puro nome; porque os gregos não negam a existência do purgatório, ainda que neguem que haja lugar assinalado ou determinado com este nome para padecê-lo; pois afinal confessam que algumas almas justas estão necessitadas de purificar-se depois desta vida, antes de entrar na mansão dos bem-aventurados. Convêm, pois, as duas igrejas, oriental e ocidental, em que as almas dos que morrem em estado de graça, na maior parte, têm necessidade de purificar-se de algumas ligeiras manchas e, consequentemente, que estão detidas no calabouço escuro até que tenham pago, como diz o Evangelho, até o último ceitil. Este escuro calabouço, esta profunda fossa, é o que chama purgatório a igreja latina e até lhe dá o nome de inferno na oração ordinária que faz pelos defuntos: *Senhor Jesus Cristo, rei da glória, livrai as almas de todos os fiéis defuntos das penas do inferno e do profundo lago; livrai-as das fauces do leão.*

É, pois, verdade de fé que há purgatório, e esta é a doutrina de toda a Igreja desde Jesus Cristo até cá. Pois agora: pode haver maior crueldade, maior desumanidade que saber que nossos amigos, nossos benfeitores, nossos mais próximos parentes estão na maior parte detidos nesses horríveis calabouços, tratados pela divina justiça com uma severidade incompreensível; que está em nossa mão conseguir da misericórdia do Senhor sua liberdade ou seu alívio; que temos muitos meios para satisfazer por eles, para que cessem suas penas; que uma oração, uma mortificação, uma esmola, uma missa bastaria algumas vezes para tirar uma alma daquele profundo calabouço; e ser tanta nossa indolência, nossa desumanidade, que não o queiramos fazer? Não pede a mesma justiça de Deus [^8] que se faça justiça sem misericórdia com aqueles que não quiseram fazer misericórdia com seus irmãos? Se te esqueceste tu daquelas aflitas almas, Deus permitirá que se esqueçam da tua e que não se te apliquem nem sequer aqueles mesmos sufrágios que tu deixaste

encarregados: *Judicium sine misericordia illi qui non fecit misericordiam.*

Martirológio Romano

Em Roma, na via Aurélia, São Restituto, mártir. Em Icônio, cidade da Isáuria, o martírio de São Conão e de seu filho, de idade de doze anos, os quais, no tempo do imperador Aureliano, foram deitados em umas grelhas postas em cima das brasas e regados com azeite fervendo; depois lhes fizeram padecer os tormentos do cavalete e do fogo, que suportaram com uma paciência e constância heroicas; enfim, tendo-lhes esmagado as mãos com um malho, entregaram seu espírito.

No mesmo dia, os santos Sisínio, Martírio e Alexandre, os quais, no tempo do imperador Honório, sendo perseguidos pelos gentios no vale de Anagno, segundo escreve Paulino na vida de Santo Ambrósio, obtiveram a coroa do martírio.

Em Cesareia de Filipe, Santa Teodósia, mãe do mártir São Procópio, e outras doze nobres matronas, que foram decapitadas na perseguição de Diocleciano.

Na Úmbria, o martírio de mil quinhentos e vinte e cinco mártires.

Em Tréveris, São Maximino, bispo e confessor, que recebeu honorificamente Santo Atanásio quando andava desterrado pelos arianos.

Em Verona, São Máximo, bispo.

Em Arcano, junto a Roma, São Eleutério, confessor.

Missa (oração)

A missa é a cotidiana de defuntos, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Fidelium, Deus, omnium conditor, et redemptor, animabus famulorum famularumque tuarum, remissionem cunctorum tribue peccatorum, ut indulgentiam, quam semper optaverunt, piis supplicationibus consequantur. Qui vivis, et regnas...*

Português: Ó Deus, Criador e Redentor de todos os fiéis, concedei às almas de vossos servos e servas a remissão de todos os seus pecados, para que obtenham, pelas piedosas orações de vossa

Igreja, o perdão que sempre desejaram de vós: Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é do capítulo 14 do Apocalipse.

Apocalipse 14,13

> **Latim:** 13 Et audivi vocem de cælo, dicentem mihi : Scribe : Beati mortui qui in Domino moriuntur. Amodo jam dicit Spiritus, ut requiescant a laboribus suis : opera enim illorum sequuntur illos.

Português: 13 Então ouvi eu huma voz do ceo, que me dizia: Escreve: Bemaventurados os mortos, que morrem no Senhor. De hoje em diante, diz o Espirito, que descancem dos seus trabalhos, porque as obras d'elles os seguem.

Nota

«O Apocalipse, ou livro das revelações, contém em vinte e dois capítulos uma profecia sobre o estado da Igreja, desde a ascensão de Cristo aos céus até o dia do juízo universal, e é como a conclusão das sagradas Escrituras. Propõem-se nele as coisas a maneira de visões e em estilo sublime e figurado, como o das profecias antigas, com as quais tem grande correspondência.»

Reflexões

Beati mortui, qui in Domino moriuntur: Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor. Esta sim que é uma real e verdadeira felicidade, a qual sozinha indeniza bem de todos os contratempos e desgraças desta vida. Morrer no Senhor, morrer em graça de Deus, morrer predestinado, morrer para começar a viver eternamente, para entrar na alegria do Senhor, para estar como embriagado no céu com a abundância dos mais puros consolos, das mais doces delícias. Nascimento ilustre, favor dos príncipes, brilhante fortuna, tesouros imensos, grandes empregos, postos elevados, cargos, dignidades, prelazias, títulos pomposos, nomes grandes a quem se tributa incenso com tanta profusão, dizei-me: que utilidade permanente nos acarretais? Que conveniência sólida e que verdadeiramente satisfaça nos trazeis? Se a morte dos ditosos do século não é preciosa aos olhos de Deus, se esses homens ilustres, esses escravos de suas diversões, esses que fazem tanto ruído com sua equipagem e com seu séquito não morrem no Senhor, que sorte será a sua? Será tão

invejável sua morte como o tem sido sua vida? O odor das flores que cultiva o mundo turba a cabeça; a fumaça do incenso que em todas as partes se queima ofusca a vista; o ruído e o tumulto que reina aturde e estonteia. Não pensamos na morte; só nos afanamos em buscar, em desenterrar, por assim dizer, os gostos, as diversões e os deleites da vida. Em meio disso, temos negócio algum de maior importância, ponto mais crítico, obra mais preciosa nem de maior consequência que uma boa morte? Mas adverte que a boa morte é fruto da boa vida; *Opera enim illorum sequuntur illos,* diz o Espírito Santo: Suas obras os seguem depois da morte. As conversões naquela hora ordinariamente chegam muito tarde; por via de regra só servem para dar à morte uma cor postiça, uma bondade artificial e aparente. As obras boas nos acompanham até mais além da morte, até o tribunal do supremo Juiz; são testemunhas irrefragáveis, sem equívocos nem ambiguidades; são documentos originais com que se forma e se instrui o processo. Já quisera alguém desembaraçar-se de testemunhas tão sem exceção e tão verídicas; mas nem uma só deixará de achar-se presente e de declarar a verdade: *Opera enim illorum sequuntur illos.* Os delitos mais secretos, as ações mais ocultas, os desejos mais dissimulados, as intenções mais disfarçadas, tudo o que não houver sido apagado com as lágrimas da penitência, tudo o que não se houver perdoado, tudo seguirá e tudo deporá no tribunal de Deus contra o moribundo. Nada se perde; o bom e o mau, tudo nos acompanha. E que coisa boa acompanhará aquelas pessoas tão pouco cristãs, aquelas almas mundanas em quem mal se reconhece uma leve tintura de religião; gente entregue inteiramente a suas diversões, a seus prazeres; gente que só faz alguma reflexão sobre seus extravios quando se vai aproximando a noite da vida, quando já mal é tempo de emendá-los? Desenganemo-nos: não se nos tem dado todo o tempo da vida senão para dispor-nos a uma boa morte.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São João.

João 6,51-54

> **Latim:** 51 Ego sum panis vivus, qui de cælo descendi. 52 Si quis manducaverit ex hoc pane, vivet in æternum : et panis quem ego dabo, caro mea est pro mundi vita. 53 Litigabant ergo Judæi ad invicem, dicentes : Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum ? 54 Dixit ergo eis Jesus : Amen, amen dico vobis : nisi manducaveritis carnem Filii hominis, et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis.

Português: 51 Eu sou o pão vivo, que desci do ceo. 52 Se qualquer comer d'este pão, viverá eternamente: e o pão, que eu darei, he a minha carne, para ser a vida do mundo. 53 Disputavão pois entre si os Judeos, dizendo: Como póde este dar-nos a comer a sua carne? 54 E Jesus lhes disse: Em verdade, em verdade vos digo: Senão comerdes a carne do Filho do homem, e beberdes

o seu sangue, não tereis vida em vós.

Meditação

Do estado a que nos reduz a morte

Primeiro ponto

Considera a que triste estado nos vemos reduzidos depois da morte: imóveis, sem conhecimento, sem forças, sem sentido; desterrados para sempre do comércio dos homens, incapazes de toda companhia, desconhecidos de nossos mais próximos parentes, objeto de horror a nossos maiores amigos; nomes, títulos, postos, empregos, honras, talentos, diversões, gostos, regalos, tudo se acabou; despojados de tudo, abandonados de todos, inúteis a todos, de nada servimos já no mundo, e o mundo também nos tem por nada.

Este retrato é espantoso, mas enfim ele é meu verdadeiro retrato. Algum dia hei de ser esse moribundo que vai ser despojado de tudo e está já para causar horror a todo o mundo. Algum dia hei de ser esse cadáver abandonado, amortalhado e destinado a apodrecer numa fedorenta sepultura. E minha pobre alma, que destino terá?

Ai, meu Deus, e que é o homem! E será possível que eternamente nos hajamos de apascentar com vãs ideias de grandeza, com frívolas diversões e com fantásticas quimeras? Só a morte nos representa o que verdadeiramente somos; qualquer outro retrato nos lisonjeia e nos engana; mas que coisa tão triste não nos conhecermos bem até a morte!

Poucos dias há que essa pessoa cheia de saúde gozava as conveniências de um estado opulento, de um novo emprego, de uma fortuna risonha; alegre, divertida, brilhava nas concorrências e nas conversações; era a alma das festas e dos saraus; revolvendo lá em sua fantasia mil vãos projetos, tomava umas medidas tão prudentes e dava passos tão acertados para satisfazer sua ambição; mas um acidente de apoplexia, um arrebatamento de sangue à cabeça, uma febre, uma queda fez desaparecer num instante todo o seu esplendor, deu em terra com todos os seus projetos, transtornou todas essas medidas, aniquilou todas essas esperanças e converteu aquele galhardo corpo num horroroso cadáver.

Ai, Senhor, e que loucura contar tanto com essa juventude, com essa bizarria, com essa robustez, com esse emprego e com coisa alguma que se acabe com a vida! Mas quando nos fará prudentes este conhecimento? Quando deixaremos de apascentar-nos com quimeras que se desvanecem na hora da morte? Meu Deus, e que eloquente é um moribundo para descobrir-nos todos os mistérios da ambição e da vaidade! Que objeto tão capaz de desterrar de um bom entendimento uma máquina de ilusões e de preocupações! Em que parou aquele orgulho? Em que aquele desembaraço? Em que aquele esplendor, aquele magnífico séquito? Em que aquele grande fausto e aquelas contínuas diversões? Tudo desapareceu, tudo se desvaneceu ao aproximar-se a morte.

Segundo ponto

Considera a estranha mudança que se vê nesses homens de conveniências, nesses ditosos do século, nesses a quem tudo era tão risonho. Mal se chega a conhecer que já lhe não restam àquele moribundo mais que alguns instantes, um leve sopro de vida, quando todo o respeito com que antes se o olhava se converte em compaixão; já se tem a maior lástima do mesmo que poucos dias antes era objeto da maior inveja. O homem mais vil e mais desprezível do mundo não quereria trocar sua sorte com um poderoso, com um grande, com um monarca que se morre.

Mas que despojo e que espantoso abandono! Quase ainda não expirou quando se apoderam de todas as chaves, toma-se posse de todos os bens; pensa-se em buscar outro protetor, outro amigo e outro dono; os que o choram com menos dissimulação e momices quisessem já vê-lo enterrado; quisessem que já houvesse chegado o dia em que o bom parecer e a decência permitem fazer cessar o pranto.

Repara bem aqueles feios movimentos da boca, aquela turbação escura dos olhos, aquelas terríveis convulsões de todo o corpo; pois nisso pararam aqueles brandos, estudados e artificiosos requebros, aquele despejo fingido, todas aquelas afetações das pessoas mundanas.

Não notas aquele suor frio e pegajoso que vai lentamente cobrindo o pálido, o amarelo semblante? Pois eis aí o fim dos cuidados, dos desvelos que custou ao moribundo o conseguir tantos bens. Não ouves aqueles suspiros, aquelas vozes meio articuladas que mal podem romper pelos secos, pelos denegridos lábios? Pois eis aí o paradeiro de todos os seus vãos discursos, de todas as suas conversações pouco cristãs, de todas aquelas zombarias tão livres como picantes. O espírito mais intrépido, a ambição mais desmedida, a mais brilhante fortuna, tudo vem a estrelar-se, tudo a romper-se e quebrantar-se contra o leito da morte; este é o escolho inevitável de toda a grandeza e de toda a felicidade humana; um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde, ao cabo tudo vem a parar neste termo fatal.

De que lhe servirá ao presente a esse pobre homem morrer com um milhão de pesos, isto é, deixar um milhão a seus herdeiros, se morre com as mãos vazias de boas obras e com a consciência carregada de pecados?

De que lhe servirá haver edificado essa soberba casa, tê-la adornado com móveis tão preciosos! Dentro de poucas horas o vão tirar dela para sempre; seus herdeiros vão fazer-se honrar com seus gastos, com sua economia e seus despojos: a ele não lhe toca mais que uma estreita sepultura. Já se fez a repartição de tudo o que poupou. Pelo que respeita a ele, não há no mundo homem mais pobre; um ataúde e uma mortalha são todos os seus móveis. Vão levá-lo ou, por melhor dizer, vão mostrá-lo pelas ruas do povo; mas é para enterrá-lo, e até os do acompanhamento não vão por seu respeito. Concluída a pompa fúnebre, fica a apodrecer num sepulcro: *Et solum mihi superest sepulcrum.* Este é o fim da tragédia, este é o fatal termo de tudo.

Homem insensato, depois de tudo isto conta ainda muito com esta frágil vida, conta com as brilhantes prendas de corpo e alma, com o esplendor do nascimento, com os bens de fortuna e

conta também com o favor dos grandes. Deus meu, e que dignos somos de compaixão se perdemos de vista a hora da morte! Certo estou, Senhor, de que algum dia eu mesmo, eu mesmo hei de ser essa pessoa que acabo de meditar e que me acaba de estremecer; dia virá em que eu hei de causar horror a outros e servir-lhes de meditação. Que dor será a minha se naquele triste dia me não aproveitei das reflexões que faço neste! Apelo, Salvador meu, a vossa divina graça e à proteção de vossa santíssima Mãe, em quem depois de vós coloco toda a minha confiança, durante minha vida e na hora de minha morte.

Jaculatórias

> *Paucitatem dierum meorum nuntia mihi.* Sl 101.

Ah, Senhor, e como tenho continuamente na memória que me restam poucos dias de vida!

> *Moriatur anima mea morte justorum; et fiant novissima mea horum similia.* Nm 23.

Morra minha alma com a morte dos justos, e seja minha vida parecida em tudo à sua.

Propósitos

1. A morte é um fiel espelho que, mostrando-nos o que algum dia havemos de ser, nos põe à vista o que somos. A sepultura é propriamente nosso verdadeiro domicílio: o pó, os vermes, a cinza, a isto se reduz toda a nossa robustez. Busca entre aquele monte de ossos calcinados, entre aquele punhado de cinza todos esses títulos magníficos e pomposos, todas essas prendas aplaudidas e brilhantes, toda a grandeza do mundo. Honras, empregos, dignidades, prelazias, formosura, galas, tudo se afundou no sepulcro. O sepulcro só nos está continuamente dando a lição mais importante; mas ninguém quer ouvir esta lição. O melancólico som dos sinos, o fúnebre acompanhamento do enterro, os funerais de nossos amigos e de nossos parentes nos levam diante da sepultura. Mas que importa? Todos param a olhar a sepultura do defunto e poucos a considerar a própria: com tudo isso, este era o objeto que menos havíamos de perder de vista. Não há remédio mais eficaz para abater o orgulho, para curar os inchaços do coração, para esfriar o amor aos deleites, para extinguir todas as paixões; é um excelente específico para mover-nos a seguir o partido da virtude e para perder o gosto às diversões do mundo. Usa deste remédio sempre que ouvires dar o relógio e considera que já estás uma hora mais perto da sepultura.

2. Não se passe a semana sem que visites alguma vez a igreja onde hás de ser enterrado, como o praticaram muitos santos; e ainda hoje têm esta proveitosa devoção não poucas almas timoratas, meditando um tempo na morte sobre sua mesma sepultura. Quando vires nas igrejas algumas sepulturas cuidadosamente fechadas e calafetadas, faze reflexão de que aquilo se faz para que a corrupção e o mau cheiro não nos infeccione; precaução muito necessária, mas ao mesmo tempo muito própria para dar-nos uma ideia cabal da miséria do homem, para confundir nossa delicadeza, nosso amor-próprio e nosso orgulho. Quando te achares em algum convite esplêndido, em alguma função lúcida, em algum sarau, traz à memória o que hás de ser na sepultura.

[^1]: Neste ponto o OCR mistura duas frases: o trecho «a ímpia caterva dos hereges queria fazer delitos de nosso santo, são outros tantos elogios que» aparece deslocado no parágrafo seguinte (início da «Comemoração dos Fiéis Defuntos»), e o trecho «depois de haver conseguido o pecador da misericórdia do Senhor o perdão de seus pecados, ... justificam mais seu mérito» aparece aqui. A tradução recompõe ambas as frases pelo sentido. [^2]: O texto traz «319», evidente erro: Maximino participou do concílio de Sárdica (c. 343-347) e morreu por volta de 349. [^3]: Ver nota 1: a recomposição desta frase («o pecador, depois de haver conseguido da misericórdia do Senhor o perdão de seus pecados, fica ainda devedor a sua divina justiça») baseia-se nos fragmentos deslocados pelo OCR. [^4]: 2Mc 12,43-46. A chamada «(1)» consta do original; o texto da nota («II. Machab, 12.») aparece deslocado, depois do parágrafo seguinte. [^5]: Jo 10,22 («Joan, 10» no original). [^6]: Na verdade trata-se da *primeira* epístola aos Coríntios (1Cor 15,29); o original diz «segunda» no texto, mas a nota traz «I. Cor. 15». [^7]: Santo Agostinho, *De cura pro mortuis gerenda,* cap. 1 («De Cur. mort. cap. 1» no original). [^8]: Tg 2,13 («Jac. 2» no original; o texto da nota aparece deslocado, no Martirológio).

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:42 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:42 by Admin